

A LITERATURA INVADE A GRANDE ÁREA (A CRÔNICA DURANTE AS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL)

Dr. JOSÉ CARLOS MARQUES

Doutor em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Docente da Universidade de Santo Amaro (Unisa) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie
E-mail: zeca.marques@uol.com.br

RESUMO

Este estudo volta-se à leitura dos textos de escritores e colunistas que, a partir da década de 1990, colaboraram com os principais jornais do eixo Rio-São Paulo (O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil) na cobertura das copas do mundo de futebol. Demonstra-se como essas "celebridades" adquiriram importância ímpar na imprensa esportiva brasileira e como seus textos se tornaram um veículo para manifestações subjetivas e fabulosas – literárias, em uma só palavra. Diante de um universo tão favorável a manifestações fantasiosas e emocionais como o do futebol, esse jornalismo também se transformou numa forma particular de ficção literária, por meio das crônicas que preencheram as páginas esportivas dos jornais brasileiros nos últimos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo brasileiro; crônica; copas do mundo de futebol.

Na tarde quente do domingo 21 de junho de 1970, um grupo de amigos se reuniu em um apartamento da rua Haddock Lobo, no Jardim Paulista, em São Paulo, para comer, diante de um aparelho de TV, o supremo crime de lesa-pátria: torcer contra a seleção numa final de Copa. Com a agravante de que ia se decidir naquele dia o tricampeonato mundial de futebol e, portanto, se a Taça Jules Rimet ficaria para sempre no Brasil ou na Itália. O pessoal do apartamento, mais ou menos uma dúzia de homens e mulheres, tinha em comum a faixa de idade, perto dos trinta, o fato de exercer profissões de alguma forma aparentadas, como advocacia, jornalismo, publicidade, pesquisa de mercado, arquitetura, e terem ainda, de modo geral, melhorado de vida nos anos recentes. Além disso, vários estavam no segundo casamento, e quase todos já haviam, pelo menos, fumado maconha. A maioria fez, fazia ou pretendia fazer “terapia”. Gostavam de jazz, Nara Leão e Chico Buarque. Também gostavam de futebol e achavam que aquela seleção, de Pelé, Tostão, Gérson e Rivelino, merecia ganhar todas as Copas em todos os tempos¹.

A citação anterior retrata com primor o clima que cercava o futebol brasileiro na década de 1970 e sua relação com o momento político conturbado que se seguiu à decretação do AI-5, pelo governo militar, em dezembro de 1968. Pela primeira vez, os jogos de uma Copa do Mundo podiam ser assistidos ao vivo no Brasil – mas ainda em preto e branco, já que a TV em cores só chegaria ao país em 1972. E, se além de acompanhar as partidas da seleção brasileira, aquele grupo de homens e mulheres do apartamento da Haddock Lobo (representantes da classe média brasileira intelectualizada e formadora de opinião da época) abrisse os principais jornais do eixo Rio–São Paulo para acompanhar o noticiário do Mundial do México, encontraria cerca de cinco ou seis páginas diárias, com algumas matérias e reportagens sobre os jogos do escrete (quase nenhuma assinada, visto que os jornais viviam sob o fantasma da censura prévia).

Colunistas ou cronistas conhecidos do grande público só apareciam nos jornais cariocas – João Saldanha e Nelson Rodrigues ocupavam as páginas de *O Globo*, enquanto *Jornal do Brasil* contra-atacava com Armando Nogueira. Em São Paulo, a *Folha de S. Paulo* mantinha apenas a discreta coluna “Linha de Ataque”, assinada pelo jornalista Américo Mendes; já o tradicionalíssimo e quase centenário *O Estado de S. Paulo* não mantinha nenhuma coluna de futebol na época, até porque a editoria de esporte não fazia parte das principais preocupações do jornal naquele período.

1. Maria Hermínia Távares de Almeida e Luiz Weis, “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”, em *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 320-321.

Vinte e oito anos depois daquele histórico 2-1 de junho de 1970, é muito provável que os mesmos homens e mulheres do apartamento da Haddock Lobo – muitos deles agora sexagenários – não se tenham encontrado novamente para assistir à final da Copa do Mundo da França, disputada entre as seleções do Brasil e do país-sede no dia 12 de julho de 1998, num estádio da periferia de Paris. Mas duas certezas se impunham aos integrantes daquele grupo, pelo menos aos que ainda se interessavam em acompanhar um campeonato mundial de futebol: primeiro, o fato de que já se podia torcer livremente pelo time brasileiro, ao vivo e em cores, sem o risco de ser taxado de colaborador do regime; segundo, o fato de que, se eles procurassem notícias sobre a copa nos mesmos jornais paulistas e cariocas, encontrariam cadernos especiais diários com até 24 páginas, nas quais dezenas de escritores, cronistas e colunistas (entre eles, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Chico Buarque, Mario Prata, Armando Nogueira e Paulo Coelho) escreviam sobre o evento esportivo merecedor da maior cobertura já feita pela imprensa nacional.

O Mundial de 1970 ficou marcado pela consagração da equipe brasileira, que, com a vitória de 4 x 1 sobre o time italiano, passou a ser a primeira seleção a conquistar o tricampeonato de futebol e a ficar com a posse definitiva da Taça Jules Rimet, símbolo do triunfo nas copas. Após essa conquista do futebol brasileiro, as copas do mundo seguintes terão, uma após a outra, cada vez mais a presença da televisão como agente midiático. Às vezes, com o monopólio de uma só emissora, caso da TV Globo na Copa da Espanha, em 1982, e na Copa do Japão e Coréia do Sul, em 2002, com exclusividade nas transmissões; em outras com a presença de até cinco emissoras de TV aberta diferentes e concorrentes (Globo, Bandeirantes, Record, SBT e a antiga Manchete), além de dois canais por assinatura (ESPN Brasil e Sportv) na transmissão da Copa da França, em 1998. Em qualquer um desses casos, o universo fortemente imagético do esporte encontrará, na televisão, seu parceiro mais importante no final do século XX.

Concomitantemente a isso, a “grande imprensa” brasileira (formada por *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*) também passou a se ocupar com maior atenção da cobertura dos mundiais de futebol. Equipes maiores e mais bem estruturadas, investimentos maciços, patrocínios crescentes, melhoria nas tecnologias de transmissão de dados, desenvolvimento das empresas de mídia impressa transformadas em grandes conglomerados de comunicação – tudo operou no intuito de o futebol ganhar espaços nunca antes vistos em nossos cadernos esportivos. Um dos recursos utilizados nessa concorrência dos jornais foi o recrutamento cada vez maior de escritores, jornalistas, cantores, artistas, políticos e outras personalidades para escrever sobre a participação do Brasil nas copas do mundo de

futebol. Todo esse contingente de pessoal é formado de nomes (leia-se “grifes”) conhecidos do grande público. E mais: essas “celebridades”, responsáveis pela manifestação de opiniões e análises pessoais, surgem exatamente para contrabalançar as coberturas que pretendem mascarar o sujeito (e que se querem aparentemente cada vez mais objetivas e isentas), postas em prática pelos grandes jornais brasileiros a partir das duas últimas décadas do século XX.

Esses escritores e jornalistas brasileiros, ao serem convidados para comentar a participação da seleção brasileira nas copas do mundo, criaram textos altamente “contaminados” por manifestações literárias e ficcionais, operadas também pela construção da linguagem. Teríamos, desse modo, não apenas “colunistas” ou “articulistas”, mas, preponderantemente, “cronistas” de futebol. Para a celebração do fato, enfim, é sempre necessário que haja uma narrativa, a qual em muitos casos é concebida a partir de registros sensoriais e subjetivos, expressamente contrários às evidências meramente “jornalísticas” ou visuais, como as do videoteipe. Para dar conta desse espetáculo imprevisível e dramático que é o esporte, a narrativa do jogo reveste-se em muitas ocasiões de uma linguagem pessoal e fantasiosa. A criação imagética no jornal está, portanto, diretamente relacionada ao ofício do locutor esportivo radiofônico ou do cronista, cujas construções fabulosas ainda conseguem causar um fascínio especial nos leitores dos dias de hoje.

OS CRONISTAS E O FUTEBOL BRASILEIRO

Até meados da década de 1980, os principais jornais brasileiros destacavam um ou no máximo dois jornalistas para assinar as colunas e crônicas por ocasião das disputas do Brasil nas copas do mundo de futebol. A presença cada vez maior de colunistas e cronistas nos jornais paulistas e cariocas, a partir da década de 1990, representa assim um fenômeno muito característico da imprensa esportiva brasileira nos últimos doze anos. Diante de um universo tão favorável a manifestações fantasiosas e emocionais como o futebol, o jornalismo esportivo também se transformou numa espécie de ficção literária por meio das crônicas e colunas que invadiram as páginas sobre copas do mundo nos últimos anos. Desse modo, os textos produzidos por esses colunistas e cronistas “convidados” comportam manifestações que se distanciam da mera referência jornalística – e, assim, fatos e notícias reconstruídos adquirem contornos carregados de subjetividade e criação literária.

A partir do momento em que o futebol, no Brasil e no exterior, passou a assumir valores cada vez mais ligados ao pragmatismo e à mercantilização da disputa – algo facilmente observável nos últimos 20 anos –, o jornalismo esportivo, por seu lado, também abandonou o discurso lírico de exaltação dos jogadores adotado

na primeira metade do século XX. Em troca, passou a empregar um discurso mais pragmático, mais voltado à análise crítico-racional de discussão estratégica do esporte. Isso, logicamente, não ocorreu apenas na seção de esportes, mas se tratou de uma resposta a um processo muito visível a partir da década de 1980, quando a grande imprensa brasileira procurou despotencializar sua linguagem, por meio da imposição dos manuais de redação, da presença cada vez maior de gráficos e imagens, e da busca do conceito norte-americano do “politicamente correto”, no sentido de se ter uma representação da realidade observável cada vez mais isenta de marcas que denunciassem a subjetividade do enunciador. Esse discurso lírico e fantasioso sobre o esporte conseguiu sobreviver e se reproduziu sob diferentes variantes ao longo dos últimos anos, dando continuidade a uma “tradição” literária na imprensa esportiva brasileira².

Entre os estudos brasileiros que tratam da crônica, merece destaque o texto de Antonio Candido *A vida ao rés-do-chão*. A partir da definição de que “a crônica não é um gênero maior”, o crítico ressalta o fato de esse tipo de texto ter-se configurado como um gênero brasileiro, visto que se aclimatou com naturalidade e se desenvolveu de maneira original em nosso país. E por não ser um “gênero maior”, a crônica ficou mais perto de seus leitores, ajustando-se à sensibilidade de todo dia, por meio da elaboração de uma linguagem que fala de perto ao nosso modo mais natural. Por conseguinte, a crônica faz uso de grande despreensão, utiliza quase sempre o humor e pega o miúdo para mostrar nele uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas, em vez de oferecer “uma revoada de adjetivos e períodos candentes”, nas palavras de Candido. Além disso, a crônica não tem pretensões a durar: é filha do jornal e da era da máquina; não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera (o jornal). Abriga-se num veículo transitório e estabelece a dimensão das coisas e das pessoas. Daí a alusão que a perspectiva desse gênero não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Enquanto jornalismo literário, não cabe nela a sintaxe rebuscada, nem o vocabulário opulento.

Importa verificar em que graus cada autor realiza uma escrita que se afasta do referente que constitui a informação para produzir textos com maior emotividade

-
2. Nelson Rodrigues, que representa certamente um paradigma desse “criador de narrativas” no futebol, já apontava para os efeitos subjetivos da cobertura esportiva: “Vejam vocês o que dá a mania de justiça e da objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia. Em vez disso, os rapazes cingiram-se a uma veracidade parva e abjeta. Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação” (1994, p. 11-12).

e poesia. Além disso, a situação de enunciação dos discursos desses profissionais é muito específica durante as copas do mundo. Alguns permanecem no Brasil e escrevem sobre o evento à distância. Mas a maioria viaja para os países de disputa da competição e precisa acompanhar os jogos para escrever textos às vezes diários, na própria cabine de imprensa do estádio ou nos seus quartos de hotel, devendo, a princípio, ter o futebol como pretexto ou pano de fundo de seus relatos. Isso difere muito do modo de produção dos textos que escrevem quando não participam da cobertura das copas do mundo, momento em que estão mais livres para a escolha dos temas e não têm a mesma urgência na produção das crônicas, normalmente escritas no conforto de sua residência ou escritório. Desse modo, a presença de escritores na cobertura das copas do mundo de futebol adquiriu uma importância ímpar nos últimos 12 anos. Colunas e crônicas superpovoaram as coberturas das últimas três competições e foram responsáveis especialmente pela manutenção do discurso literário nas páginas da imprensa brasileira.

A questão central está no fato de os quatro principais jornais brasileiros, a partir da década de 1990, insistirem na convocação de escritores e cronistas para comentar as copas do mundo de futebol, e, além disso, terem inflacionado seus cadernos esportivos durante a realização desses eventos. Tal fenômeno pode ser entendido basicamente como decorrência de cinco fatores principais:

- 1) os jornais, para combater o predomínio das redes de TV na transmissão do futebol, apelaram para a publicação de textos mais opinativos e subjetivos, uma vez que o leitor comum já assistiu aos jogos na véspera e sabe, portanto, o que aconteceu – ele agora procura outras interpretações e leituras para os fatos que conhece;
- 2) a concorrência entre os jornais fez com que se procurassem alternativas para conquistar um maior número de leitores durante as copas do mundo, e a presença de certas personalidades resulta sempre num elemento diferencial de cada veículo;
- 3) com o aparecimento de grandes patrocínios nos cadernos esportivos em épocas de copa do mundo, os jornais precisam justificar os investimentos feitos e oferecer um grupo diferenciado de textos que ocupe um número maior de páginas;
- 4) o preconceito contra o jornalismo esportivo ainda não foi superado de todo. Nesse sentido, a aparição de profissionais “alienígenas” nas páginas de esporte durante as copas do mundo representa uma compensação para o leitor mais exigente, que passa a ter à disposição textos diferenciados e mais próximos de seu universo cultural;

5) por último, o futebol atingiu um *status* diferenciado no final do século XX, transformando-se num fenômeno de importância social, política, mercadológica, econômica e cultural. Ele lança modas e cria mitos, dita modelos e gera receitas, e ainda se sustenta por força da paixão dos torcedores – por isso o fato de ser merecedor de leituras ou análises de profissionais das mais diversas áreas e editorias de um jornal.

Ao verificar mais atentamente a cobertura das últimas três copas do mundo feita pelos jornais estudados, chegamos a oito grupos distintos de profissionais envolvidos na produção dos textos:

Grupo I: o mais numeroso, compõe-se dos repórteres, redatores e editores de esporte que se ocupam da maior parte das matérias e reportagens sobre a copa; formam as equipes oficiais dos cadernos esportivos, mesmo fora da época dessa competição, e muitos desses profissionais, em certas oportunidades, nem chegam a assinar seus textos.

Grupo II: formado pelos jornalistas esportivos que já assinam suas colunas nos cadernos esportivos mesmo em épocas que não englobam as copas do mundo (casos, por exemplo, de Armando Nogueira, Juca Kfourri, Matinas Suzuki, entre outros).

Grupo III: bastante seletivo, forma-se pelos cronistas dos cadernos de Cultura e pelos escritores, todos conhecidos do grande público (alguns, até, imortais da Academia Brasileira de Letras), que são convocados extraordinariamente para participar das coberturas das copas do mundo (como Carlos Heitor Cony, Luis Fernando Veríssimo, João Ubaldo Ribeiro, Mario Prata, Paulo Coelho, Nelson Motta).

Grupo IV: identificado pelos jornalistas que não trabalham nos cadernos de esporte, mas nas editorias consideradas “sérias” e “importantes” do jornal, como economia e política, e que também são convocados de modo excepcional para se ocupar da cobertura das copas do mundo (casos de Marcio Moreira Alves, Clóvis Rossi, Villas Boas Corrêa e Janio de Freitas).

Grupo V: compõe-se dos colunistas sociais, igualmente recrutados para cobrir o *glamour* dos eventos que circundam as copas do mundo (incluem-se neste grupo Joyce Pascovitch, Hildegard Angel, Ricardo Boechat, Katia Zero e Zozimo Barroso do Amaral).

Grupo VI: formado pelos chargistas e colunistas de humor (alguns compondo personagens fictícios), também convidados para comentar as copas de uma forma mais

despreocupada e divertida (casos dos colonistas José Simão, Tutty Vasques, Agamenon).

Grupo VII: igualmente numeroso, não engloba jornalistas nem profissionais da mídia impressa, mas personalidades da política, do esporte (jogadores, ex-atletas, técnicos, juízes) ou do mundo artístico (cantores, atores, diretores de teatro, publicitários, modelos), convidadas para escrever sobre as copas do mundo. A título de exemplo, podem ser citados os políticos Paulo Maluf, José Serra, Eduardo Suplicy e Fernando Henrique Cardoso; o diretor de teatro Cacá Rosset; os músicos Paulinho da Viola, Paula Toller e Tom Zé; os juristas Ives Gandra Martins e Dalmo Dallari; o publicitário Washington Olivetto; o ex-jogador de futebol Ademir da Guia; o técnico Telê Santana; e o ex-arcebispo da cidade de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns.

Grupo VIII: incluem-se aqui os intelectuais, articulistas e escritores estrangeiros que escrevem artigos sobre futebol (casos de Mario Vargas Llosa, Henry Kissinger, Eduardo Galeano, Toni Negri e outros). Seus textos são distribuídos e publicados em diversos diários internacionais.

Diante desses oito grupos, observamos que apenas os dois primeiros envolvem profissionais dos cadernos de esporte – o que torna natural a sua participação por ocasião de um evento com a dimensão de uma copa do mundo. Nos demais grupos, temos profissionais que não participam do noticiário comum dos cadernos de esporte e que só excepcionalmente são convocados para participar das coberturas das copas. Além disso, enquanto os integrantes do primeiro grupo se encarregam de escrever textos mais preocupados com o rigor jornalístico, na tentativa de se fixar no referente, os outros participantes, de forma geral, distanciam-se do rigor imposto pelo discurso jornalístico. São estes últimos denominados normalmente colonistas, que estarão envolvidos na produção das colunas e crônicas sobre as copas e, portanto, na produção explícita de sentidos sobre o futebol. São eles ainda que, ao produzir textos de forma diferenciada dentro do mecanismo ordinário de fabricação do jornal, criarão discursos que contêm o que Roland Barthes chamou de “fruição”, em oposição ao “prazer” do texto:

A linguagem encrática (aquela que se produz e se espalha sobre a proteção do poder) é estatutariamente uma linguagem de repetição; todas as instituições oficiais de linguagem são máquinas repisadoras: a escola, o esporte, a publicidade, a obra de massa, a canção, a informação, redizem sempre a mesma estrutura, o mesmo sentido, amiúde as mesmas palavras: o estereótipo é um fato político, a figura principal da ideologia. Em face disso, o Novo é a fruição (2002, p. 50).

Nesse sentido, os autores que se incluem no terceiro grupo descrito anteriormente são os cronistas dos cadernos culturais e os escritores brasileiros convidados para cobrir as últimas três copas do mundo. A partir da Copa de 1994, incluem-se nesse paradigma os textos de Artur Xexéo, Arthur Dapieve, Carlos Heitor Cony, Chico Buarque de Holanda, João Ubaldo Ribeiro, José Roberto Torero, Luis Fernando Veríssimo, Marçal Aquino, Marilene Felinto, Mario Prata, Matthew Shirts, Milton Hatoum, Nelson Motta, Roberto Drummond e Paulo Coelho. Esses profissionais, de forma geral, compõem relatos que se distanciam dos acontecimentos, do “efeito do real” midiático e da mera descrição das partidas, e produzem textos nos quais se observam uma marcante subjetividade, uma preocupação com o trabalho da linguagem e, por vezes, os recursos da narrativa literária.

Os cronistas e colunistas acabam sendo alguns dos maiores responsáveis por operar uma “construção social de dois níveis”, expressão utilizada pelo filósofo francês Pierre Bourdieu³ a respeito das competições esportivas dos tempos de hoje. Para Bourdieu, o atleta e sua performance fazem parte de um espetáculo que é produzido duas vezes: numa primeira instância, temos a produção operada pelos agentes esportivos *stricto sensu*, ou seja, todos aqueles indivíduos que estão diretamente envolvidos na realização e condução do jogo (atletas, juízes, treinadores, médicos, organizadores e, de certa maneira, a platéia do estádio); numa segunda instância, há a produção do espetáculo realizada pela mídia – seja pelo discurso radiofônico, televisivo ou jornalístico, seja pela edição de imagens da TV. Nesta segunda instância, trava-se outra disputa, alheia àquela que ocorre no plano esportivo: trata-se, aqui, da briga pelo furo ou pela audiência, resultado de pressões por vezes maiores do que aquelas com que os atletas se deparam no campo de jogo.

AS COPAS DO MUNDO NA VISÃO DOS JORNAIS BRASILEIROS

A cobertura dos principais jornais brasileiros nas copas do mundo de futebol está diretamente subordinada à campanha da seleção brasileira. Sempre que a equipe nacional permanece vencendo suas partidas e consegue chegar à final do torneio, o número de páginas dedicadas ao evento aumenta sensivelmente. Desse modo, a participação vitoriosa do time acaba por contagiar o trabalho da mídia impressa, provocando o surgimento de inúmeras manchetes e convocando o leitor a integrar-se cada vez mais na torcida pela equipe.

Diante dessa perspectiva, é preciso reconhecer a posição que o futebol ocupa no contexto dos outros esportes para se compreender melhor sua importância

3. Em *Sur la télévision* (suivi de “L’emprise du journalisme”).

como modalidade também cultural. É necessário relacionar esse espaço ocupado pela modalidade esportiva com o espaço social que nela se manifesta, como analisa Pierre Bourdieu em seus diversos estudos sobre o esporte e a sociedade midiática. Em nosso caso particular, não se pode estudar o consumo do futebol independentemente do consumo de lazer geral que ele provoca no Brasil.

No caso dos quatro diários citados, *O Estado de S.Paulo* sempre dedicou uma cobertura mais tímida às copas do mundo – de todos, é o que menos abriu sua primeira página a manchetes de futebol. Além disso, o *Estado* também é o jornal que menos cronistas e colunistas esportivos exclusivos manteve ao longo das últimas três décadas. Por outro lado, é o veículo que convidou o maior número de escritores para comentar os mundiais de futebol desde 1990. Em outro pólo, cabe a *O Globo* a iniciativa pioneira de destacar um colunista do caderno de cultura para cobrir uma copa – caso de Nelson Motta em 1978, na Argentina. Esse recurso, retomado com mais força pelo mesmo *O Globo* em 1986, estendeu-se em 1990 para o *Estado de S.Paulo* e o *Jornal do Brasil*, e em 1994 para a *Folha de S.Paulo*. Desde então, sedimentou-se irreversivelmente nas Copas dos EUA (1994), França (1998) e Japão e Coreia do Sul (2002), expressando o montante de investimentos envolvido nas coberturas desses eventos. Esse artifício vem sendo empregado com a finalidade de angariar novos leitores e acirrar a concorrência entre os principais jornais brasileiros. Parece tratar-se de uma tendência que dificilmente será revertida nos próximos anos.

A partir da década de 1990, estabeleceu-se ainda outra característica esboçada nos anos 1970 pela *Folha de S.Paulo* (que oferecia ao público paulista as mesmas crônicas que João Saldanha assinava no *Jornal do Brasil*): a criação de uma espécie de *pool* de colunistas para a cobertura das copas. É o caso, por exemplo, dos jornalistas e escritores que comercializam seus textos por meio das agências de notícias (Armando Nogueira, Luis Fernando Veríssimo, Nelson Motta, Chico Buarque, entre outros) e que são publicados em mais de um jornal no país. Neste caso, porém, nunca um mesmo autor é publicado em jornais da mesma cidade. Essa espécie de *pool* de colunistas retoma, em outro plano, o *pool* de emissoras de rádio e TV criado em 1970 para a transmissão da Copa do México para o Brasil.

Já o aparecimento da internet como agente midiático alterou o procedimento da imprensa brasileira diante da cobertura das copas. Se antes havia larga utilização de charges, desenhos e cartuns nas páginas dos cadernos esportivos, a partir de 1998 passou a haver o predomínio de registros fotográficos: os jornais passaram a dispor de maior tecnologia para a transmissão de imagens (estas, digitalizadas, chegavam às redações por *e-mail*) e de maior investimento na presença de fotógrafos na Copa da França.

A importância da coluna e da crônica a partir da década de 1990 pode ser entendida, assim, como exemplo de predominância de uma modalidade expressiva extraordinária, na esteira do que foi preconizado pelo *new journalism* norte-americano nas décadas de 1960 e 1970. Cronistas e colunistas ocupam, desta forma, um espaço generoso no jornal a fim de comentar, com maior liberdade, assuntos ligados ao cotidiano pela predominância de juízos deliberadamente pessoais e interpretativos. Entretanto, ao contrário do que acontece com o editorial dos jornais, a crônica se utiliza de expressões e formas coloquiais, procurando aproximar-se ao máximo do leitor por meio de uma conversa mais descompromissada e desafiada da seriedade que circunda a vida ordinária.

A primazia de poder eleger temas e ângulos de discussão é levada às últimas conseqüências pelos colunistas e cronistas, que acabam assumindo, mais do que meros repórteres ou redatores, a imagem dos depositários da sabedoria milenar. Colunas e crônicas representam, por conseguinte, uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões. O recurso utilizado pelos jornais de chamar profissionais de outras editorias para comentar as copas do mundo tem o intuito justamente de oferecer uma outra visão sobre o futebol – diferentemente das idéias comuns presentes nas análises dos jornalistas esportivos.

A presença dos cronistas reforça a tentativa de superação daquilo que Mikhail Bakhtin chamou de “abstração dos aspectos expressivos” no jornalismo impresso atual, em que a subjetividade do locutor é mascarada ao extremo por meio de um estilo “objetivo-neutro”. Esse estilo pressupõe uma espécie de identificação entre o destinatário e o locutor que se manifesta à custa de uma recusa de expressividade, o que é ratificado por Carlos Heitor Cony, na crônica “O pintor que foi jornalista e escritor” (publicada na *Folha de S.Paulo em 23/5/2003*, p. E16): “No jornalismo atual, sem os vícios literários de outros tempos, o texto tem de ser profissional, obedecendo a critérios próprios. Daí que todos os textos acabam se parecendo”. Nessa perspectiva, os cronistas acabam por representar uma espécie de “Cavalos de Tróia”, como imaginado por Pierre Bourdieu: são eles que utilizam o meio impresso para formular textos que subvertem as normas que o próprio meio impresso impõe; são eles ainda que se opõem ao discurso jornalístico e se contrapõem ao mero aspecto fático sugerido por Umberto Eco.

Vemos, dessa maneira, como os cronistas não escondem sua parcialidade enquanto enunciadores do jornalismo impresso e assumem sem problemas suas preferências em prol da seleção brasileira. Não há “implicitude” em suas manifestações: tudo é declarado, o jogo é franco e aberto, numa dimensão que os folcloriza pela construção das imagens e hipérboles. A exibição explícita de uma subjetividade

que não se quer mascarar faz com que o objetivo se curve diante da emotividade, presentes numa linguagem coloquial, ainda que ricamente trabalhada. Essa postura indica a recusa da neutralidade que a análise jornalística pretende impor aos leitores. Os profissionais que se vangloriam de ser isentos ou imparciais estão apenas assumindo uma máscara que falseia seu próprio ofício. Essa síntese pode ser vista no estudo de Betty Milan, *O país da bola*: enquanto a criança européia aprende com Chapeuzinho Vermelho a não desobedecer e com Pinóquio a não mentir, à criança brasileira se ensina com Emília, de Monteiro Lobato, a fazer de conta. E este “fazer de conta” contamina a fala dos cronistas que procuram refutar a imparcialidade do relato ao reafirmar o caráter pessoal de seus textos.

CONCLUSÃO

Os escritores e cronistas convocados pelos jornais brasileiros nas últimas copas do mundo destacaram-se por sua originalidade e pela importância na construção de idéias sobre o futebol e a própria imprensa. Seus textos permitem o estabelecimento de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (na terminologia de Bakhtin), que são comuns a todos os períodos aqui analisados e que caracterizam o discurso desses profissionais que invadem as páginas dos cadernos esportivos em época de copa do mundo. Tais recursos discursivos relacionam-se com o predomínio da subjetividade e do uso da função metalingüística; com o emprego do humor, da ironia e de jogos com o código que provocam o riso; com a presença de intertextos e pressupostos que obrigam o leitor a familiarizar-se prontamente com o universo da crônica; com a afirmação da “brasilidade”, em detrimento dos adversários estrangeiros; com o manejo da linguagem na reconstrução literária dos fatos narrados; e com a discussão sobre a influência da TV como mediadora do evento (em 2002, Luis Fernando Veríssimo chega a brincar com a noção de que o jogo visto no videoteipe era mais real do que o assistido no estádio).

Contudo, temos também os “tipos relativamente estáveis de enunciados” que variam de acordo com o momento e o local da disputa do evento retratado. Em 1994, nos Estados Unidos, o número reduzido de cronistas convocados pela imprensa brasileira e a proximidade que se podia estabelecer entre suas respectivas obras criaram uma homogeneidade que não se viu nos eventos seguintes. Nesse sentido, a participação de João Ubaldo Ribeiro, Luis Fernando Veríssimo, Mario Prata e Nelson Motta gerou textos que compuseram um quadro harmônico, em que a adesão do autor à figura dos torcedores de futebol se fazia de maneira muito explícita, por meio de relatos que não mascaravam a subjetividade do enunciatador. Além disso, o divertimento com o código (por meio de trocadilhos, aliterações,

alternâncias fonéticas e semânticas e quebra das linearidades textuais) caracterizou um discurso em que se podia notar claramente o trabalho de construção lingüística.

Entre os cronistas da Copa de 1994, os “tipos estáveis de enunciados” podiam ser relacionados na maior parte das vezes com recursos de linguagem que atuavam ao nível do significante (ou do plano de expressão). Contudo, o que veremos nas duas copas seguintes é o estabelecimento de tipos de enunciados em que os recursos expressivos atuam simultaneamente ao lado de unidades temáticas mais próximas do significado (ou do plano de conteúdo). Em 1998, por exemplo, o grande contingente de escritores e jornalistas convidados a comentar a copa proporcionou o aparecimento de vozes mais heterogêneas e dissonantes: assim, pôde-se colocar em causa o funcionamento do poder da imprensa (em torno da discussão sobre a promoção desmesurada que a mídia faz do evento), por meio de recursos metalingüísticos que se voltavam contra o próprio ofício da imprensa esportiva (Artur Xexéo, Carlos Heitor Cony e Marilene Felinto são os principais expoentes da relativização do espetáculo esportivo). A crítica à “elefantíase” da copa, assim, torna-se presente pela negação do valor do futebol ou pela relativização geral do esporte e da mídia do espetáculo.

Também por força da metalinguagem, a polifonia promovida pelos cronistas trouxe à tona a discussão do funcionamento do jornalismo esportivo, a partir do confronto entre os “entendidos” e os “não entendidos”. Os relatos não são mais sobre o futebol, mas sim sobre a falação a respeito do futebol, o que reproduz os conceitos do esporte elevado à “enésima potência” e da “falação esportiva” elaborados por Umberto Eco. Assim, empregam-se recursos de linguagem que intensificam essa intertextualidade da “falação esportiva”: é quando a ironia, a paródia e a paráfrase (como nos textos de José Roberto Torero, Luis Fernando Veríssimo e Roberto Drummond) ganham espaço diante da composição do humor (se houvesse mais tempo entre os jogos, é possível que a imprensa esportiva chegasse à conclusão de que o Brasil havia perdido para o Marrocos, como atestou Veríssimo na crônica “Pensando bem” de 19 de junho de 1998). O contato e a aproximação com o leitor (facilitado pelo uso do *e-mail*) e o emprego de recursos líricos na construção dos textos foram outros “tipos estáveis de enunciados” que enriqueceram a crônica sobre a Copa em 1998 (e, aqui, destaque maior deve ser dado a Chico Buarque, Cony e Veríssimo pelos momentos em que retrataram o sofrimento do espectador de futebol diante da imprevisibilidade e dramaticidade inerentes ao futebol).

Em 2002, o dialogismo e a polifonia do discurso dos cronistas permaneceram e fortaleceram-se pelas questões ligadas à festa diante da conquista, ao tempo da escrita que não podia acompanhar o tempo dos acontecimentos e à construção mitológica do herói no esporte. Além disso, a narratividade percebida principalmente

nas crônicas de Marçal Aquino e José Roberto Torero estabeleceu-se dentro de padrões mais próximos de construção do texto literário: manteve-se a polaridade entre o autor textual e os mundos narrados, que se reconstruíram na representação de um tempo e de um espaço próprios. Certo é que também se verifica a presença de trechos narrativos na cobertura das outras copas (como em Chico Buarque e Mario Prata em 1998, por exemplo), mas essa narratividade está mais relacionada à figura do torcedor que acompanha os passos da seleção brasileira na competição – e, portanto, tais textos se submetem diretamente ao tempo dos acontecimentos daquela realidade cotidiana. As narrativas encontradas em 2002, por outro lado, inserem-se numa atemporalidade que transcende o próprio evento em questão: os relatos sobre um garoto que tenta a sorte numa “peneira” ou sobre o velho craque em fim de atividade inscrevem-se em outro tempo, próprio do universo literário.

Em 2002, por força ainda da seqüência de acontecimentos em torno do jogador Ronaldo, pôde-se observar mais claramente a composição da figura do herói mitológico no discurso dos cronistas. Embora a maior parte deles se tenha esquivado de nomear o “Fenômeno” como personagem mítico, a caracterização que se faz do atleta (“herói”, “mocinho”, “personagem”, “estrela”) aponta para a supervalorização do craque, num processo de construção de idolatria relacionado à narrativa mítica. O mito, entretanto, é manifestado explicitamente por pelo menos dois cronistas (Luis Fernando Veríssimo e Milton Hatoum), que relacionam a trajetória de Ronaldo ao percurso clássico do herói mitológico. Deve-se ressaltar ainda como a noção do tempo da enunciação se fez presente ao longo de todo o evento: os cronistas se valiam de recursos metalingüísticos para expressar a angústia diante do tempo da escrita, a qual não conseguia acompanhar o tempo dos acontecimentos e a instantaneidade dos fatos por força das diferenças de fuso horário.

Outra unidade temática que se estabelece em 2002 e recupera o que se vira em 1994 é a adesão dos cronistas à festa verde-e-amarela da conquista brasileira, o que se dá por meio de enunciados em que a emotividade e a subjetividade estão presentes de forma incisiva (como nas reminiscências de Artur Xexéo a propósito das comemorações vividas em 1970, na conquista do tricampeonato, ou na confissão de Veríssimo, de que prefere terremoto a ter que suportar a final de uma copa). Isso não impede, em pólo oposto, a presença de juízos dissonantes, que relativizam o ufanismo nacional, como nos textos de Daniel Piza, que apresenta em grande medida a idéia do “pensamento pensante” de Bourdieu e a idéia da polifonia bakhtiniana. Por último, há de se destacar a singularidade das duas crônicas escritas por Milton Hatoum em 2002, em que o escritor estabelece uma espécie de “estudo comparado” entre futebol e literatura, ao enxergar, em lances específicos do mundial, temas e assuntos presentes em narrativas e contos clássicos de autores ocidentais.

Para concluir, gostaríamos de reafirmar a importância da crônica, cujo enfraquecimento já havia sido decretado em alguns estudos sobre o gênero, especialmente em virtude da aprovação no Brasil do AI-5, em 1968, e da censura prévia aos órgãos de imprensa – o que provocou o desaparecimento de muitos textos assinados no jornalismo brasileiro. A noção referente ao “falecimento” da crônica é recorrente de tempos em tempos: em 14 de março de 1972, o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, publicava uma longa matéria intitulada “Adeus, cronistas”, em cujo olho se dizia que “a crônica está morrendo de cansaço” a partir de sintomas percebidos desde 1965. Mais tarde, em março de 1992, Otto Lara Rezende escreveu uma crônica no jornal *Folha de S. Paulo* em que ironizava a morte do gênero com o texto “A defunta, como vai?”.

Entretanto, o que nos parece mais premente diante desse fenômeno é verificar que a crônica e a coluna, com o passar dos anos, acabaram por reintroduzir nas páginas da mídia escrita brasileira a “função autor” de que trata Foucault. Nesse sentido, os cronistas e colunistas de futebol perpetuaram a singularidade do gênero, reatualizando-o e reconstruindo-o em outra esfera. Contrariando as várias definições de que a crônica, por ser efêmera, tem sua duração circunscrita ao tempo do jornal, os textos aqui analisados mantêm-se firmes e atuais mesmo com o passar dos anos. Não é à toa, portanto, que quatro dos autores analisados tenham lançado em livro as mesmas crônicas publicadas em jornal: são os casos de Nelson Motta e suas *Confissões de um torcedor*; Luis Fernando Veríssimo e *A eterna privação do zagueiro absoluto*; José Roberto Torero com *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso*; e Daniel Piza e a obra *Ora bolas*.

No jornalismo esportivo brasileiro, enfim, esses “pensadores do cotidiano e da vida imediata” vêm sendo os principais responsáveis por manter o futebol ao rés-do-chão, isto é, ao nível de leitores e torcedores, à medida que se ajustam à sensibilidade do cotidiano por meio de uma linguagem própria do dia-a-dia. Mas, ao mesmo tempo, são os responsáveis por enriquecer o discurso da imprensa por meio de relatos em que se destaca o trabalho de construção literária e que superam as ortodoxias ditadas pelo próprio texto jornalístico. E, na criação dessas palavras sobre o jogo, os cronistas fazem prevalecer o divertido jogo com as palavras, o que reproduz nas páginas dos jornais, de quatro em quatro anos, a festa e a magia que a seleção brasileira cumpre ao longo das copas.

Literature invades the penalty area
(the chronicle during football world cups)

ABSTRACT: This study is directed to the reading of the texts of writers and columnists that, since the nineties, have collaborated to the main newspapers of the Rio-São Paulo axis (O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, and Jornal do Brasil) when covering World Cups. It demonstrates how these "celebrities" acquired unique importance within the Brazilian sports press and, consequently, how their texts have become a vehicle for subjective and fabulous – literary – manifestations, in only one word. In an environment so favorable to imaginary and emotional manifestations as football, this journalism has also become a particular form of literary fiction, by means of the chronicles that have filled the sports pages of the Brazilian press all these years.

KEY-WORDS: Brazilian journalism; chronicle; Football World Cups.

La literatura invade el área grande
(la crónica durante los mundiales de fútbol)

RESUMEN: Este estudio contempla la lectura de los textos de escritores y columnistas que, a partir de la década de 1990, colaboraron con los principales periódicos de Rio de Janeiro y São Paulo (O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil) en la cobertura de los Mundiales de fútbol. Se espera mostrar como las "celebridades" adquirieron importancia única en el periodismo deportivo brasileiro y como sus textos se transformaron en un vehículo para manifestaciones subjetivas y fabulosas – que podríamos denominar literarias. Es a través de este universo favorable a manifestaciones fantasiosas y emotivas, que el periodismo se ha transformado, como evidencian las crónicas presentes en las páginas deportivas de los periódicos brasileiros, en una forma particular de ficción literaria.

PALABRAS CLAVES: Periodismo brasileiro; crónica; mundiales de fútbol.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. *Sobre a televisão (seguido de "A influência do jornalismo" e "Os Jogos Olímpicos")*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1992.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Recortes*. Companhia das Letras, 1993.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. 3. ed. Lisboa: Veja Passagens, 1992.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

MILAN, Betty. *O país da bola*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

REVISTA USP – Dossiê futebol. São Paulo, trimestral, n. 22, jun-ago. 1994.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*: novas crônicas de futebol. (Org. Ruy Castro). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido: 15 maio 2004

Aprovado: 30 jun. 2004

Endereço para correspondência

José Carlos Marques

Rua Quitanduba, 121/62

São Paulo-SP

CEP 05516-030